



A GEOGRAFICIDADE E ESPACIALIDADE NA LITERATURA UMA ANÁLISE DAS OBRAS CAPITÃES DA AREIA E VIDAS SECAS

Ana Livia de Almeida Silva

Emmanuelle Rodrigues de Nazareth

Gleison Ananias

RESUMO

Este artigo consiste como principal objetivo a análise de duas obras poéticas e ficcionais em seu processo de criação e estruturação através dos referenciais oferecidos pela Geografia. Essa análise literária de base geográfica de um discurso poético e ficcional foi realizada a partir de duas obras: Capitães de Areia, de Jorge Amado e Vidas Secas, de Graciliano Ramos, onde busca discutir a literatura através de uma perspectiva geográfica, econômica e social, além de realizar um resgate contextual da Geografia Cultural e de seus principais autores, propondo assim, uma abordagem sistêmica pautada em autores como Marandola Jr e Paul Claval, a fim de identificar as relações vividas do espaço e do cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Aspectos Geográficos, Sociedade.

INTRODUÇÃO

Ao usarmos da Geografia e Literatura que são duas diferentes áreas do conhecimento para analisarmos as obras literárias Capitães da Areia e Vidas Secas, obtemos uma interpretação ímpar. Buscamos apontar o quão é enriquecida a identificação

*ANAIS DO 2º WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL: Da cultura material ao simbolismo cultural
24 e 25 de junho de 2015*

Alfenas-MG

www.unifal-mg.edu.br/geografia/workshopdegeografiacultural

dos fenômenos históricos, físicos, sociais, políticos, através da união das ferramentas literárias e do olhar geográfico.

As obras literárias tratadas neste artigo possuem o mesmo pano de fundo: A região nordestina além de terem sido produzidas, ambas na década de 1930. Pautadas no mesmo contexto político e histórico, no entanto ocorrem em cenários diferentes.

A percepção da Geografia Cultural permitiu ampliar a visão geográfica que se tinha, no sentido de não mais explorá-la apenas no meio físico e político, mas também de identificá-la nas obras literárias, na gastronomia, no cinema, na música. A fim de se enriquecer o conhecimento considerando o imaterial que está imbricado em todos os acontecimentos.

Santos (1997), explicando sobre natureza social, escreve que as características humanas sobrepõem as físicas. O autor diz que “referimo-nos ao que podemos chamar de sistemas de natureza sucessivos, onde esta é continente e conteúdo do homem, incluindo os objetos, as ações, as crenças, os desejos, a realidade esmagadora e as perspectivas” (Santos, 1997, p. 15). Há o que ele chama de sobrenatural (não-natural), explicando que a natureza não está formada apenas pelo que se tem de físico, mas sobretudo e também pela interação com o ser humano.

Nosso estudo propõe uma análise dos romances de Jorge Amado e Graciliano Ramos. A discussão a ser feita, a partir de uma revisão da geografia da literatura que trata da percepção e da experiência subjetiva da paisagem, mostrará como os autores descrevem as imagens e o meio social. O que se busca com este texto é, além de mostrar a importância do estudo geográfico, tendo como aporte a arte literária, apontar que as obras dos autores referidos, como objeto de pesquisa, apresentam relações que aproximam a ciência da arte. Os trabalhos desenham/ descrevem o sertão nordestino: a seca, a caatinga, a monocultura, e o meio urbano: a desigualdade social, a fome, falta de oportunidades. Provocando questionamentos, sobre o contexto em que vivemos.

GEOGRAFIA E LITERATURA: ENCONTROS INTERDISCIPLINARES

Tratar a Geografia e a Literatura como universos opostos por pertencerem a diferentes áreas do conhecimento, sendo a primeira pertencente à ciência e a segunda à arte, é um equívoco. A união destas permite que desenvolvamos uma percepção crítica do espaço¹ e das diversas relações cotidianas que nos acompanham.

Ao lermos uma obra literária não podemos procurar isoladamente as categorias sociais, pois estão intimamente relacionadas ao contexto histórico, ao espaço, à cultura, ao meio físico, que irão interferir nas condições sociais em questão. Conforme (Barbosa, 2011) A obra é resultada de processos geográficos, históricos, políticos, econômicos, sociais e culturais. E não uma mera ilustração do ensino de Geografia como pensada por muitos. É responsável por trabalhar como o indivíduo está inserido socialmente e espacialmente, a fim de estimulá-lo a questionar/criticar o contexto que o cerca.

Esse imbricar entre Geografia e literatura chama a atenção dos geógrafos há muito tempo, a qual que tem sido o melhor aporte para esses cientistas, com intuito de estudar categorias como região, paisagem e lugar compreendendo-os sob a luz subjetiva dos escritores/poetas: “assim o fizeram John K. Wright (1924), Pierre Monbeig (1940), Fernando Segismundo (1949) e Yi-Fu Tuan (1947). (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010, p. 8).

A fragmentação da geografia em variadas vertentes (física, política, econômica, cartográfica, agrária) pode levar os alunos a não interpretá-la como uma ciência em que todas suas ramificações se complementam e que se fazem presentes em exemplos cotidianos. Faz-se de extrema importância desenvolver formas de pensar que ampliem a dimensão espacial e social dos alunos para que vejam a geografia além de uma mera narrativa do espaço para assim superar os vícios de uma educação estática.

O uso de recursos didáticos pelo professor de geografia justifica-se pela necessidade de um instrumento que conduza o aluno a apreensão dos conteúdos da disciplina de forma mais simplificada, além de facilitar ao professor o ensino, por meio da articulação de técnicas com o conteúdo a ser

¹ Espaço para além do meio físico, em que foi modificado pelas ações humanas; palco das relações humanas.

abordado, resultando assim, em uma aprendizagem mais significativa.
(BARBOSA; SILVA, 2011, p. 15)

Segundo Barbosa (2011) A interdisciplinaridade entre Geografia e Literatura promove o estímulo da imaginação incitando o aluno a compreender os limites entre a realidade e ficção, uma vez que as imagens resultam da correlação da estética e do mundo, mas ao se dizer estético, não se trata meramente do “belo”, mas sim o subjetivo presente no cotidiano, muitas vezes passado despercebido. Considerando diferentes formas de se transmitir o conhecimento é possível também estimular o aluno a discutir sobre a realidade do meio em que vive a fim de que compreenda sua origem e considere toda a diversidade que o cerca.

OBJETIVO GERAL

Contribuir com o estudo da Geografia Cultural, na vertente que estuda literatura e geografia e suas interpretações do espaço por meio da espacialidade e geograficidade.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Ampliar o campo de conhecimento e de diálogo da Geografia com a Literatura, em especial, com o recurso da leitura e da interpretação do espaço geográfico analisando as duas obras literárias dos escritores brasileiros: Jorge Amado (Capitães da Areia) e Graciliano Ramos (Vidas Secas).

METODOLOGIA

O Estudo teórico se pautou em um levantamento bibliográfico de modo a retratar a Geografia Cultural, desde seu princípio até os dias atuais, a interrelação entre Geografia e Literatura e posteriormente atentamo-nos para as obras literárias: Capitães da Areia de Jorge Amado e Vidas Secas de Graciliano Ramos com o intuito de explorá-las sob o ponto de vista geográfico e socioeconômico e relaciona-las. De modo a identificar e discutir a realidade nordestina aproximando-a de nosso cotidiano.

Pautando-se principalmente na abordagem de Manrandola Jr, Milton Santos e Paul Claval.

A GEOGRAFIA CULTURAL

O interesse dos geógrafos por uma abordagem cultural nasceu e aprimorou-se concomitante à Geografia Humana, no final do século dezenove. O seu desenvolver deu-se em momentos diversos. Conforme Claval (1999) até meados dos anos cinquenta os geógrafos adotavam uma perspectiva positivista/naturalista, não estudando a dimensão “psicológica” da cultura. O interesse voltava-se para os aspectos materiais da cultura, as técnicas, as paisagens e o gênero de vida. As representações e as experiências subjetivas dos lugares foram completamente esquecidas.

Nos anos sessenta e setenta a evolução da Geografia Cultural deu-se numa tentativa de utilizar os resultados da “Nova Geografia” para uma sistematização metodológica. As novas bases da epistemologia científica descrevem os novos rumos da relação homem/meio, usando de uma abordagem regional a partir do interesse da Geografia Cultural pelos lugares, tratando das relações sociais e especialmente o papel da comunicação. A análise assim desenvolvida conduz a uma linguagem cultural e demonstra interesse crescente pelos problemas morais do mundo atual.

Após os anos setenta ocorreu uma mudança significativa, haja vista a Geografia Cultural deixar de ser tratada como um subdomínio da Geografia Humana, posicionando-se no mesmo “patamar” da Geografia Econômica ou da Geografia Política. Tendo por objetivo integrar as representações “mentais” e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica.

Os aspectos culturais fundamentais para a Geografia são: a identificação das relações homens/meio ambiente, através do estudo do meio humanizado, da paisagem, das técnicas e das densidades; análise das relações sociais, a partir do estudo das instituições, da comunicação e da difusão das ideias e das técnicas; observação da organização regional e do papel dos lugares. Sendo extremamente útil para o entendimento dos problemas atuais. (Correa, 2009, p. 06)

O espaço jamais aparece como um suporte neutro na vida dos indivíduos e dos grupos. Ele resulta da ação humana que muda a realidade natural e cria paisagens humanas e humanizadas. Os lugares e as paisagens fazem parte da memória coletiva. (Claval, 1999, p. 11) A lembrança do passado traz forte valor sentimental a determinados lugares. As identidades individuais e coletivas são fortemente ligadas ao desenvolvimento da consciência territorial. Num tempo em que a globalização ameaça muitas identidades, a clareza que a abordagem cultural transmite às relações entre identidades e território indica interessantes perspectivas de ação.

“Por que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não os percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas e em função dos mesmos critérios, não descobrem neles as mesmas vantagens e os mesmos riscos, não associam a eles os mesmos sonhos e as mesmas aspirações, não investem neles os mesmos sentimentos e a mesma afetividade?” (Claval, 2001, p. 15)

A produção e reprodução da vida material são conduzidas pela consciência e sustentadas pela produção simbólica (língua, gestos, costumes, rituais, artes, a concepção da paisagem). Os símbolos constituem traços fundamentais do ser humano. Todo comportamento humano é comportamento simbólico, todo comportamento simbólico é comportamento humano, argumenta White (1973, p. 335). O homem vive em uma diversidade de símbolos socialmente criados, que expressam significados associados às diversas esferas da vida.

O reconhecimento da importância dos significados se dá através da compreensão do ser. Torna-se necessário apreende-lo não apenas no que se refere à sua organização, constituição e estrutura, mas também em relação aos significados que dele se faz. Isto implica em interpreta-lo e, mais do que isto, em interpretar o que os outros pensam de suas práticas e construções materiais e intelectuais. (Cassier 2001 p. 09)

Haja vista que os significados não são apenas um produto social. Constituem também uma condição para a reprodução social, incluindo não apenas valores, crenças, mitos e utopias, mas também as relações sociais e a espacialidade humana.

A natureza política da cultura foi também enfatizada por geógrafos, entre eles Taillard (2003) e Mitchell (2000). O primeiro aponta três funções políticas da cultura: As funções de integração, que envolve as noções de pertencimento e identificação, de regulação, que controla o comportamento individual em sociedades tradicionais, e de

enquadramento, associadas às sociedades com escrita, em relação às quais o poder elabora uma constante reinterpretação da cultura. A dimensão política da cultura manifesta-se ainda por meio da plurivocalidade, isto é, das diversas possibilidades de interpretação da mesma paisagem. Esta não emite um único sentido a ser descoberto ao se decodificar as intenções daqueles que produziram as formas materiais que constituem a paisagem cultural.

O sentido da paisagem cultural pode ser construído e reconstruído pelos diversos grupos sociais a partir de suas experiências. Esta perspectiva construcionista advém das diferenças de classe, étnicas, religiosas e de acordo com outros atributos, conforme discutido por Hall (1997). A plurivocalidade contém um sentido político que pode opor, em relação a uma mesma paisagem, o sentido de celebração e de contestação.

A exclusão social e a segregação espacial aparecem como formas complementares na construção de grupos diferenciados e conscientes de suas especificidades. Tal construção resulta da capacidade imaginativa dos indivíduos e das culturas. O estudo de uma área operária, que se enquadra em uma geografia econômica ou social ou ainda política e passa a enquadrar-se no campo da geografia cultural quando analisada com base nas representações que os operários fazem do espaço onde vivem e trabalham. Esta perspectiva complementa as anteriores enriquecendo-as.

A natureza e a distância dos lugares e grupos culturais podem ser de interesse para a geografia cultural. Ao se considerar o espaço vivido, no âmbito do qual estabelecem - se práticas, percepções, afetividades e distanciamento ao que é estranho, o geógrafo depara-se com significados distintos, segundo cada grupo, face à natureza e ao espaço social. Gallais (2002).

A renovação da geografia cultural não deixou de lado o passado, mas privilegia o presente. O que é mais importante ressaltar não é o recorte temporal, mas a análise dos significados que são ou foram atribuídos à espacialidade humana. Pois, a abordagem cultural está precisamente centrada nos significados que os diversos grupos sociais constroem relativos à espacialidade passada, do presente e mesmo do futuro.

PERCEPÇÕES LITERARIAS DE JORGE AMADO E GRACILIANO RAMOS.

Os estudos culturais vêm ressaltar um novo olhar sobre a sociedade. A abordagem pode ser feita através da literatura, no diálogo entre as vivências urbanas e a sensibilidade dos escritores. Neste caso, da literatura pode-se extrair mais que a interpretação e análise dos signos espaciais: ela interpreta e relata os dilemas humanos, seus sentimentos e as ações vividas no espaço.

Com a leitura destas, entre outras obras, podem-se perceber como as lembranças e as marcas escritas no passado permite a compreensão do nosso presente, pois se valem do momento histórico como pano de fundo para sua narrativa. A compreensão e o significado da literatura ficam claros na abordagem:

Um romance, um poema, um quadro, um trecho de música são indivíduos, isto é, seres em que não se pode distinguir a expressão do exprimido, cujo sentido só é acessível por um contato direto e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. É nesse sentido que nosso corpo é comparável à obra de arte. Ele é um nó de significações vivas e não a lei de certo número de termos co-variantes. (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 162)

A obra de Jorge Amado nos permite a posição de espectador diante dos temas apresentados, pois remete à reflexão sobre o real. Desta forma, a arte é observada como uma “arma de expressão”. Em sua obra “Capitães da Areia”, o autor irá relatar a problemática do menor abandonado e das suas consequências: a violência, a criminalidade, a discriminação e a prostituição. Na obra, de 1937, os heróis são os meninos de rua. Pela primeira vez na literatura brasileira, o menor abandonado é o centro da história.

Capitães da Areia não possui grande importância estética, formal, e sim política. O autor usa a forma do romance tradicional, ele se apega à herança romântica do século XIX. Não é um livro de vanguarda modernista, mas uma importante obra de natureza política e social. Tratando-se de um livro politicamente revolucionário para a época e sendo censurado, Jorge Amado foi preso pela polícia do Estado Novo (1937-45), regime ditatorial instituído por Getúlio Vargas que censurava os meios de comunicação (rádios, revistas jornais), limitava qualquer manifestação artística, política

ou social além de perseguir pessoas contrárias ao regime os chamados “inimigos políticos”.

O autor não defende o roubo, mas expõe os porquês das crianças o fazerem. Elas roubam porque têm fome, porque não têm família. Uma realidade típica que ocorre nas grandes cidades não só naquela época, mas atualmente. A obra representa um grande painel da miséria, a partir de um olhar terno e sensível, que toma partido dos menores e mostra que eles são vítimas de um problema muito mais amplo de âmbito sistêmico, a desigualdade de renda e abandono dos pobres no Brasil.

Trata-se de temas não antes abordados, revelando as especificidades do cotidiano de seus personagens, através de sua alimentação, costumes, crenças, próprios da cultura baiana. Jorge Amado pautou suas obras no contexto histórico e nas condições e concepções de vivência de seu meio.

“Entre a realidade e a imaginação viveria, quase que sempre, o homem, recriando, reinventando a vida de sua gente – a realidade foi à fonte permanente de sua ficção, os personagens do romancista resultam da soma de figuras que fazem parte da sua experiência de vida. (SANTOS, 1993, p. 35)”.

Definindo-se como um escritor sempre interessado no povo esquecido e marginalizado. Dizendo procurar pelo anti-herói, os vagabundos, as prostitutas, os bêbados. (Amado, 1981, p. 54). Nas ruas da capital baiana, tomou conhecimento da vida popular mais de perto, interagindo com os tipos, o que mais tarde iria marcar profundamente sua memória, apurando o seu olhar e sua percepção peculiar, revelando, de forma dramática, ou então bem humorada, os ricos detalhes de sua obra.

Conforme as definições de Milton Santos na geografia, o autor trata o espaço como uma “acumulação desigual de tempos”, engloba-se a dimensão histórica na medida em que se concentra no tempo presente, o local onde o “aqui” (espaço geográfico) se restabelece e encontra com o “agora” (tempo ao longo de uma história). Na atualidade é onde a literatura e a geografia cooperam no sentido de suscitar uma percepção crítica voltada à condição humana de estar no mundo.

As obras literárias são registros interdisciplinares produzidos pela confluência dos saberes e a conexão entre ambas as disciplinas (Geografia e Literatura) se dá em um diálogo prosaico, como em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos que revela a submissão do personagem e da subjetividade aos valores do espaço com os interesses do capital. Neste

mesmo pensamento onde o homem cria o espaço e este cria o homem como seu produtor. A narrativa utiliza o saber geográfico como agente estruturante, assim, ele compõe como denúncia da opressão, que se impõe, como no caso do personagem Fabiano de Vidas Secas em que sofre exploração de seu patrão ao seu contratado, sabe-se então, que o espaço implica em poder, ou seja, não existe localidade desprovida de autoridade.

O romance de Vidas Secas segue o princípio segundo o qual o homem é fruto e produto do meio; neste tipo de discurso ficcional, os valores do espaço submetem os dos personagens, determinando-lhes o destino e condicionando-lhes suas ações. Como exemplo, tome-se o processo de humanização da cadela Baleia e o movimento diametralmente contrário de animalização do homem; primeiro, o personagem Fabiano se autossugestiona, afirmando-se como um “bicho” no capítulo II, que foi especialmente destinado a ele; além disso, os filhos do casal (Fabiano e sinhá Vitória) não têm nome, são referidos como “menino mais velho” e “menino mais novo”, enquanto a cadela possui um nome, pré-requisito formal de uma identidade. Isto preenche uma dimensão histórica que completa a dimensão geográfica.

A análise desta obra nos faz questionar quanto ao clima árido nordestino, logo o relacionamos como um motivo de castigo para com o seu povo, enquanto há variadas alternativas de modo a captar água para que não falte aos habitantes. No entanto os investimentos são destinados à irrigação da grande produção agrícola, deixando os cidadãos a mercê da sorte, fazendo com que muitos migrem para outros estados em busca de melhores condições de vida.

A concentração do capital em poucas mãos e a falta de incentivos ao desenvolvimento de programas sociais tem presença marcada nas duas obras literárias, uma vez que faz com que os meninos de Capitães da Areia sejam moradores de rua, esquecidos em que sonham por oportunidades de melhores condições de vida (como o personagem Professor). Enquanto Fabiano e Sinhá Vitória na crença de melhores condições de vida migram do sertão que castiga seus habitantes pela seca, mas sofrem desavenças, humilhações (pelo Soldado Amarelo e o Patrão) os fazendo sentirem-se indignos. Chamando assim a atenção a percebermos do quanto é necessário a distinção de quem é o marginalizado e quem é o marginalizador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo pôde de uma forma geral, atentar nossa percepção sobre fatos relacionados à Geografia e a Literatura, unindo-se e enriquecendo-a culturalmente. Com a comparação de Capitães de Areias e Vidas Secas, podem ser observadas as semelhanças entre eles. Eles se equivalem na economia de recursos, na denúncia social e na maneira de abordar dilemas existenciais a partir de situações cotidianas retratadas sem grandiloquência. Muito mais que denunciar o sistema opressor que humilha os nordestinos. As preocupações sociais dominam, mas os problemas existenciais dos personagens os transformam em únicos e corajosos. Assim, por mediação de caminhos diferenciados, a geografia como a literatura, compõe-se “verdades” e se oferece a promover uma visão ao “real”, além de revelarem uma riqueza de informações. E, sempre, novas reflexões poderão imprimir o início de uma nova história.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. In: CURRAN, M. J. Jorge Amado e a literatura de cordel. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981. p. 54

BARBOSA, T. SILVA, I. Ensino de Geografia e Literatura: quando a estética é espacializada. 2011, p. 15-17

BARBOSA, T.; SUPERTI, G. Ensino de geografia pela literatura: espaço literário e espaço geográfico. 2013 p. 11-16.

CASSIRER, E. – A Filosofia das Formas Simbólicas – I A Linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 2001 (original de 1923) P. 08-11.

CLAVAL, P. – Geografia Cultural. Florianópolis, EDUSC, 1999.

CLAVAL, P. – O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana. In Matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001. P. 14-23

CORREA, R. L. Sobre a Geografia Cultural. Departamento de Geografia UFRJ, Rio de Janeiro, 2009. p. 04 – 12.

GALLAIS, J. – Alguns Aspectos do Espaço Vivido nas Civilizações do Mundo Tropical. In Geografia Cultural: Um Século (3), org. R.L. Corrêa e Z. Rosendahl. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2002

HALL, S. Representations. Cultural Representations and Signifying Practices. London, Routledge Publications, 1997.

MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B. Geografia, poética e imaginação. In: Geografia & Literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. p. 08 – 12.

MARANDOLA J. E OLIVEIRA, L. Geografia e Espacialidade na Literatura. Rio Claro v.34, nº3, set/dez 2009 p. 487-508.

MERCATOR - Revista de Geografia da UFC, nº 01, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662 p.

_____. O visível e o invisível. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. 271 p.

MITCHELL, D. – Cultural Geography. A Critical Introduction. Oxford, Blackwell, 2000

RAMOS, G. Vidas Secas. Rio de Janeiro: Record, 1981.

SANTOS, I. B. Jorge Amado: retrato incompleto. Rio de Janeiro: Record, 1993. Pag. 35.

SANTOS, M. O centro da cidade de Salvador: estudo de geografia urbana. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1997.

TAILLARD, C. – Diversidade de Definições e Diferenciações das Práticas Geográficas: Contribuição para o Debate. Espaço e Cultura, 14, 2003. p.23-32.